

Teolinda Gersão

O regresso de
Júlia Mann a Paraty



2.^a
edição

TEOLINDA GERSÃO

O REGRESSO
DE JÚLIA MANN
A PARATY

Freud pensando em Thomas Mann em Dezembro de 1938

A porta da rua tem o n.º 20, neste novo e derradeiro endereço de Maresfield Gardens, em Hampstead, agradável subúrbio londrino. É uma moradia de dois pisos, onde o meu filho Ernst, ajudado pela dedicada Paula Fichtl, tentou reconstituir o ambiente da nossa antiga casa da Berggasse:

Quase tudo foi trazido – móveis, quadros, tapetes, objectos, e sobretudo o divã, com a sua cobertura de cores quentes – para que, tanto quanto possível, eu me sentisse no ambiente familiar a que me habituei.

Foi com prazer que vi chegar a minha biblioteca, os livros dos escritores que admiro e os muitos volumes de Psicologia, Neurologia, História Antiga, Arqueologia e Antropologia, a escrivantina onde trabalho, estatuetas de jade, pequenas figuras de terracota e bronze, mulheres egípcias, chinesas e gregas, budas, amuletos fálicos. Salvo ligeiras escoriações, aguentaram bem a viagem, e parecem-me aqui ainda mais familiares.

No entanto, esta não é a casa da Berggasse 19, onde morei quase cinco décadas, nem estou em Viena, a minha cidade ao longo de setenta e nove anos, e aonde não voltarei.

O meu mundo, a Europa central e a cultura que me formou e inspirou, ficaram definitivamente para trás. A Áustria findou em Março passado, anexada à Alemanha nazi e mergulhada em trevas.

Vim morrer nesta ilha inglesa, que me acolheu e a que estou grato, cujo governo de monarquia parlamentar aprovo, mas onde não deixo de me sentir estrangeiro.

Será sempre em alemão que continuarei a escrever, e sobretudo a pensar. Ainda estou ligado à sociedade e ao lugar que me perseguiu e recusou, e a prisão que deixei, apesar de aterradora, era no fundo ainda amada.

Durante quase toda a vida, apesar da minha ascendência judaica, sentir-me culturalmente alemão era um dado irrefutável, fazia parte de mim, sem interrogações. Só quando o país começou a enlouquecer deixei de me sentir alemão, à medida que a loucura social avançava.

A Alemanha regrediu milénios, e mergulhou numa barbárie a que poderíamos chamar pré-histórica. Parecia impossível, mas aconteceu. Apesar das grandes obras de Goethe, Schiller, Hölderlin, Bach ou Beethoven, apesar de toda a sua música, literatura, artes e filosofia, no momento crucial a cultura falhou. E o que dela restava, ou era ainda saudável, foi violentamente atacado, num assalto sem precedentes, e a lucidez, a racionalidade e a ética apagaram-se.

Dediquei a vida a procurar a verdade sobre o ser humano. Acreditei que, se soubermos quem somos, veremos com mais clareza e faremos as escolhas certas.

Mas hoje interrogo-me se conseguiremos isso, algum dia.

O meu trabalho, portanto, não evitou nada. Os livros que escrevi, como os de tantos outros, foram declarados

subversivos e degenerados, e lançados na fogueira ao som de injúrias e gritos, ou de um silêncio tão pesado que só se ouvia o crepitar das chamas. Quase todas as grandes obras acabaram em cinzas, e à morte do espírito irá seguir-se o extermínio de milhares, ou milhões, de vidas. Onde se queimam livros acabar-se-á por queimar pessoas, escreveu Heine em 1821. Depois da Noite de Cristal, no mês passado, em que milhares de pessoas foram mortas ou encarceradas, escolas, hospitais, sinagogas, lojas e casas estilhaçados, outros massacres e campos de concentração irão surgir, numa escalada sem limite de terror.

A multidão dos perseguidos não tem fim, e todos fazem parte da minha vida. Sinto que sou, e sempre serei, um deles.

Thomas Mann não foi tão perseguido como outros escritores. Embora alguns dos seus livros fossem queimados, continuou a ser publicado na Alemanha nazi, e provavelmente foi um dos menos lúcidos perante o imenso naufrágio que se aproximava. Pelo que conheço da sua vida e do seu pensamento político, suponho que, por muito que mude, evolua, repense e emende, tentando clarificar a sua posição, ela nunca será isenta de ambiguidade e de contradições.

Thomas sempre me inquietou, desde o início: estava à mercê do lado mais sombrio do seu inconsciente, e trazia aos ombros um peso de montanhas.

Muitas vezes pensei que poderia ajudá-lo a suportar o fardo, tornando-o mais leve, se alguma vez me viesse pedir auxílio. Mas, ao contrário de tantos outros, ele sempre evitou encontrar-me, embora fosse meu leitor incansável e me parecesse desejar uma aproximação, que era implicitamente um pedido de socorro.

No entanto, era demasiado inseguro, e por outro lado a sua vaidade era demasiado grande para pedir fosse o que fosse. Antes morrer de desespero que assumi-lo, foi o lema que nunca abandonou.

Apesar disso talvez se possa dizer que nos conhecemos, ao longo dos anos, lendo as obras um do outro. Citámo-nos por vezes, oferecemos livros e trocámos algumas cartas, embora muito raras.

Lembro-me por exemplo de lhe ter enviado *O mal-estar na civilização*, em agradecimento pelo seu ensaio *A posição de Freud na moderna história das ideias*, que leu na Universidade de Munique em 1926, por ocasião dos meus setenta anos.

Fiquei-lhe grato, mas na verdade foi com um leve encolher de ombros que encarei o texto, como confessei sem rodeios numa carta a Lou: Thomas tinha na gaveta um meio ensaio sobre o Romantismo, e, quando foi solicitado para falar de mim, pegou nele e meteu-lhe dentro algumas noções de Psicanálise.

Na verdade Thomas sempre foi inteligente e perspicaz, entendeu e interpretou bem muitos aspectos, mas os seus conhecimentos da matéria, e sobretudo o seu nível de desenvolvimento pessoal, não lhe permitiam uma visão suficientemente aprofundada dos meus escritos.

Apesar da sua resistência de décadas, as circunstâncias acabaram, no entanto, por nos proporcionar um encontro:

Há dois anos, como a doença me impedira de comparecer a uma homenagem, ele foi a minha casa na Berggasse para me ler, num pequeno círculo de familiares e amigos, o

discurso *Freud e o futuro*, que dias antes proferira na Associação Vienense de Filosofia Médica.

Thomas Mann era um nome famoso e agradou-me que o tivessem convidado, embora ele não fosse a pessoa mais indicada para falar de mim.

Freud e o futuro celebrava supostamente os meus escritos, e na verdade o fio condutor estava certo. Como numa antiga epopeia, a consciência venceria o inconsciente, «onde o *Id* reina, deve instalar-se o *Eu*», citava ele, e era desse modo triunfante que me colocava no futuro que antevia:

Estávamos no começo de uma nova era em que a razão venceria a irracionalidade, e, na sua perspectiva, eu tinha um lugar cimeiro na grande luta a favor da ciência, do progresso e das luzes.

Eu próprio pensara, décadas antes, que a Psicanálise tinha todas as respostas, e iria mudar o mundo. Foi com algum optimismo que, apesar de inicialmente hesitar, em 1909 embarquei para os EUA com Jung e Ferenczi, num périplo de divulgação da teoria analítica. E de facto no «novo mundo», onde fomos calorosamente recebidos, a Psicanálise teve o primeiro reconhecimento oficial, e começou a sua internacionalização.

Mas nada na vida é linear nem simples: houve também aspectos negativos na forma como o processo aconteceu e evoluiu. Ao contrário de Jung e Ferenczi, não quis voltar à América, as minhas raízes e cultura estavam no centro da Europa, e era aí que me sentia em casa.

A Alemanha entrou a seguir numa época conturbada, em 14 a Grande Guerra explodiu, e deixou marcas profundas. O clima de incerteza e turbulência foi crescendo, até

por todo o lado se instalarem o medo e o caos. Thomas foi dos poucos nomes de peso a apoiar a República de Weimar, e tardou anos a manifestar-se quando ela se transformou na Alemanha nazi.

Quando me visitou em 1936 eu ainda resistia e residia em Viena, não podia nem queria interromper o trabalho que realizava, nem abandonar as reuniões com os meus discípulos.

Não sei se Thomas pensava em exilar-se, apesar de, no caso dele, ser fácil, e de ter meios económicos mais do que suficientes para isso. Acabou por ser de modo involuntário, e em circunstâncias bizarras que, ao contrário do que planeara, não regressou a casa em 33, depois de um périplo literário por alguns países vizinhos. Um ensaio que escrevera sobre Wagner, que sempre admirou profundamente, não pareceu adequado à inteligência burguesa da «Cidade Wagneriana de Munique», que o repudiou num *Protesto*. O que mais exaltara os ânimos foi a afirmação de que a arte do compositor era «o diletantismo elevado ao nível do génio», embora essa fosse para Thomas uma afirmação elogiosa, que ele talvez aplicasse de boa vontade a si próprio.

Ironicamente, não foi portanto a milícia nazi, mas a burguesia «cultura» de Munique, que levou Thomas a viver prudentemente na Suíça, de onde agora se deslocara, para se encontrar comigo em Viena.

Apesar do seu *Apelo à razão* de 1930 e de outras declarações, não sei se ele teria alguma vez emigrado, se não tivesse ocorrido esse incidente absurdo.

Mas também eu me enganei profundamente, pensando que era possível desenvolver e praticar a Psicanálise em

qualquer regime político. Só quando a Áustria capitulou e vi a minha vida e a dos meus ameaçada, fui forçado a abandonar Viena.

O estilo transparente de Thomas adquiria em *Freud e o futuro* alguma retórica, por vezes quase grandiloquência. Senhoras e senhores, repetia amiúde, enquanto lia – é verdade que sem fazer um único gesto com as mãos ou os braços, e mantendo a mesma cara inexpressiva. Mas a sua voz, sem abandonar o tom monocórdico da prosódia alemã, deixava transparecer um entusiasmo que não tinha lugar na sua obra literária.

Era uma das contradições em que caía. Enfatizava a razão, mas a emoção arrastava-o, inconscientemente.

Pretendia falar do meu percurso, mas, como aliás reconhecia, era a si próprio, à sua experiência pessoal e aos seus livros, que voltava sempre. Na sua perspectiva, isso abonava em meu favor.

Não pude impedir-me, interiormente, de sorrir. Sim, pensei olhando-o, trata-se do triunfo da consciência sobre o inconsciente, mas como se pode atingi-lo, até que ponto, e de que modo? Que armadilhas, retrocessos, recaídas, nos levam (quando levam) a avançar?

E que futuro heróico é esse, pelo qual ele anseia? Que mundo de paz e sem ódio antevê, a partir da realidade conturbada deste ano de 1936, e dos anos de angústia e descalabro que o antecederam?

Aparentemente ele julgava-me, a nível intelectual, um homem de certezas. Mas, embora com oitenta anos, eu era ainda um principiante, um buscador.